

PARTE 3 – Operadores Lumière: exploração comercial, viagens e proto-linguagem.

3.1 – Grand Tour?

27 de setembro, 1898. Oito horas da noite. Félix Mesguich, operador da Société Lumière, é levado por dois policiais, sem malas ou qualquer dinheiro, até à fronteira ocidental da Rússia, país no qual promovia exposições do cinematógrafo – e de onde era, naquele instante, definitivamente expulso.¹⁷⁵

Junho de 1897, no mesmo país. O jovem operador Marius Chapuis, de apenas 18 anos, reclama da falta de trabalho. Havia deixado Lyon a serviço dos Lumière ainda adolescente, e trocado o cotidiano familiar e as normas sociais de sua terra natal por algo que, em seus últimos dias de viagem, já se transformara numa pândega maldita. Bordéis, bebida, pouco descanso. Logo a gonorréia arde, impossível se levantar.¹⁷⁶

11 de julho, 1896. Gabriel Veyre, a bordo do *La Gascogne*, segue em direção à América Central. Distrai-se no navio tentando seduzir uma mulher casada – freqüentemente diante dos olhos do marido dela. Nada de tão grave, não se trata de um homem muito assíduo, o marido. Três dias depois, um beijo. O homem traído chega, faz cara feia, finge se incomodar, mas logo estão todos juntos à mesa, jantando.¹⁷⁷ Pouco mais de um ano depois, no entanto, as viagens não correm mais em clima de tanta festa. Rumo à Colômbia, os cadáveres de vítimas de febre amarela são jogados ao mar.¹⁷⁸ Veyre, atormentado pela experiência que de início prometia ser aventureira e romântica – a de trabalhar como operador Lumière no Novo Mundo –, desespera-se para retornar logo à França. “Eu sofri demais lá para voltar um dia!!!”¹⁷⁹

Francis Doublier, que afirma ter rodado a manivela do cinematógrafo em sua estréia pública – em 28 de dezembro de 1895, no Grand Café de Paris –, alega que em quatro anos como operador itinerante percorreu mais de 160000km

¹⁷⁵ Félix Mesguich, *Tours de manivelle*, p. 25.

¹⁷⁶ Rittaud-Hutinet, *Le cinéma des origines*, p. 246.

¹⁷⁷ Philippe Jacquier & Marion Pranal, *Gabriel Veyre, opérateur Lumière*, p. 39.

¹⁷⁸ Ibidem, p. 93.

¹⁷⁹ « J’y ai trop souffert pour y revenir jamais!!! » Ibidem, p. 102.

apresentando a invenção dos Lumière ao mundo.¹⁸⁰ Apesar de toda champagne tomada por seu instrutor, o também operador Alexandre Promio, das homenagens reais e presidenciais oferecidas aos representantes da *Société*, ou mesmo da multidão de americanos que gritava histericamente “Lumière Brothers!” ao final das sessões¹⁸¹, algo precisa ficar claro: as viagens realizadas pelos operadores encarregados de difundir e promover o cinematógrafo pelos quatro cantos do planeta, nos últimos anos do século XIX, em nada se assemelhavam a um *Grand Tour*¹⁸².

No início de 1896, Louis e Auguste Lumière avançam na exploração comercial do cinematógrafo, e para tanto formam um grupo de projetoristas cuja função seria a de viajar, primeiro pela Europa, depois pelo resto do mundo, divulgando a invenção dos dois. Alguns destes – uma certa “elite” de operadores – haviam ainda recebido a incumbência de expandir o catálogo de filmes através da obtenção de *vistas* estrangeiras – ou seja, de simples paisagens internacionais, mas também de imagens que alimentassem o apetite do público pelo “exótico”. Tal era o contexto das viagens realizadas pelos operadores Lumière: o de funcionários de uma empresa inscrita na lógica capitalista de expansão de mercados, carente portanto de agentes que fizessem a mediação entre uma produção centralizada e um mapa fragmentado e diverso de consumidores.

A respeito desses profissionais, duas considerações.

Primeira. Não existia “o” operador Lumière, personagem genérico e paradigmático. O grupo formado pela *Société* era extremamente heterogêneo, com formações individuais bem variadas. Gabriel Veyre, por exemplo, havia se

¹⁸⁰ Rittaud-Hutinet, *op. cit.*, p. 151, n.1; p. 159.

¹⁸¹ Rittaud-Hutinet, *op. cit.*, p. 165.

¹⁸² Cf. Elsner & Rubies, *Voyages & Visions*, p. 49: “The aristocratic ritual of the Grand Tour, based on the Humanist idea of travel for education – in languages, academic learning, courtly refinement and political experience – was in effect the fundamental contribution of the late Renaissance to the history of travel in the West and defined a paradigm that would dominate until the nineteenth century. It functioned, alongside travel for empire, as a replacement for pilgrimage and crusade, and it implied an interest in cultural diversity and comparison that was only possible because the empirical travel literature of the period also made the issue of human diversity central.” / “O ritual aristocrático do Grand Tour, baseado na idéia humanista de viajar para educar-se – em línguas, aprendizado acadêmico, refinamento cortesão e experiência política – era de fato uma contribuição da Renascença tardia para a história da viagem no ocidente, e definia um paradigma que seria dominante até o século XIX. Ele funcionava como um substitutivo para a peregrinação e para a cruzada, e implicava um interesse na diversidade e comparação cultural que só era possível porque a literatura de viagem empírica do período também tornava central o tema da diversidade humana.”

titulado em Medicina e Farmácia. Pierre Chapuis, irmão do jovem Marius, era praticamente analfabeto. Alexandre Promio trabalhara como jornalista e representante de uma marca de champagne. Já Francis Doublier, um órfão, de aprendiz na usina Lumière ganhou a confiança dos patrões e assim recebeu a incumbência de cruzar os Pirineus para filmar touradas no final de 1895. Havia entre todos eles, ademais, uma hierarquia clara e incontestável. Em seu topo, Promio, instrutor da maioria. Doublier, Veyre e Mesguich formavam a “elite” mencionada anteriormente. Primeira geração de operadores com permissão para captar imagens, foram também os últimos a deixar a empresa, por volta de 1900 – apresentando durante todo o período filmes com qualidade estética superior à do resto dos funcionários. Salvo alguns outros casos de destaque, havia sob esse grupo uma multidão de homens sobre os quais pouco ou nada se sabe. Mesguich comentava que toda semana, durante seis meses, um novo operador chegava a Nova York enviado pela *Société*¹⁸³. Estes foram os responsáveis pela difusão mais pulverizada da cinematografia, distribuição pensada a partir escalas industriais.

Apesar de toda variedade observada no conjunto de representantes Lumière, um *operador-hipotético* será ainda assim idealizado para fins de ilustração. Ele nunca deixará de se portar como uma abstração, e nem apresentará, por isso mesmo, a coleção de contradições que torna tão interessante o relato de operadores de carne e osso, mas se mostrará bem útil na determinação de uma estratégia comercial desenvolvida pela matriz em Lyon. Através dele ficará mais fácil compreender o processo que se iniciava com a seleção e formação de funcionários, até à promoção de projeções em locais muitas vezes isolados. Enfim, uma possível resposta para as perguntas ‘pelo o quê passava um operador durante sua instrução, e, mais tarde, essas viagens?’, ou mesmo, ‘o que se esperava, comercialmente, de tal funcionário?’. Topicamente: formação, viagem, exibição.

Segunda consideração. Lê-se ou comenta-se com graça, e mesmo sarcasmo, o alerta dado por Louis Lumière a Felix Mesguich no momento de sua contratação: “*Vous savez, Mesguich, ce n’est pas une situation d’avenir que nous*

¹⁸³ Rittaud-Hutinet, *op. cit.*, p.166

vous offrons, c'est plutôt un métier de forain; cela peut durer six mois, une année, peut-être plus, peut-être moins !"¹⁸⁴

A ironia muitas vezes atribuída ao sentido da frase brota da aparente contradição entre o futuro glorioso que o cinema viria a experimentar e a “falta de perspectiva” de Lumière na época, transformando-o em personagem anedótico “incapaz de prever” que seu aparelho de 5 kg viraria “sétima arte”. O que se intui exatamente, ainda que de maneira indireta, a partir do suposto “erro” de avaliação de Louis Lumière? Talvez a assunção frágil de que a *Société* poderia ter continuado, décadas a fio, explorando tanto o cinematógrafo como o cinema, e de que seus empregados prosperariam no ramo, não apenas por “seis meses ou um ano”, mas durante toda uma vida dedicada àquela indústria nascente, quiçá transformando-se em grandes exibidores, produtores, ou mesmo diretores de filmes.

Mas não. Do ponto de vista comercial, a estimativa de Lumière se provaria bastante sóbria, ainda que ligeiramente pessimista no tocante à duração das atividades. Já em 1897 o número de operadores entrava em declínio. Ao fim de 1898, a cinematografia passava a ocupar um espaço bem reduzido na fábrica em Lyon. Em 1900, não havia mais quase operadores a serviço da companhia. Cinco anos depois, cessavam-se ali, definitivamente, os trabalhos relacionados ao cinematógrafo.¹⁸⁵

Quanto aos operadores, seus destinos são incertos. Sobre a maioria, nada se sabe. Alguns, de fato, prosseguiram suas vidas dedicando-se ao cinema. Foi o caso de Mesguich, que se manteve trabalhando como operador para diversas empresas, e assim viajou mais uma vez pelo globo. Promio, igualmente, continuou filmando, e em 1907 produzia para a Pathé.¹⁸⁶ Eugène Py, na Argentina, participou do desenvolvimento da indústria naquele país, rodando diversos filmes até 1911.¹⁸⁷ Outros, como Matt Raymond, de início um simples eletricitista inglês, se tornariam donos de produtoras e de cadeias de salas de projeção. O mesmo caminho foi seguido por Max Glücksmann, na América

¹⁸⁴ “Você sabe, Mesguich, esta não é uma situação de futuro que nós lhe oferecemos, é mais um ofício de ocasião; pode durar seis meses, um ano, talvez mais, talvez menos!” Louis Lumière IN: Mesguich, *op. cit.*, p. 2

¹⁸⁵ Jean-Claude Seguin, *Alexandre Promio*, p. 134, p. 159.

¹⁸⁶ www.victorian-cinema.net/index.htm

¹⁸⁷ www.imdb.com

Latina.¹⁸⁸ Gabriel Veyre, um dos mais importantes operadores da “elite-Lumière”, seguiu sua carreira trabalhando no Marrocos a serviço de um sultão, mas nesse caso é difícil avaliar se isso indica ou não um crescimento profissional.

A grande parte dos operadores simplesmente abandonou o ofício, provavelmente por falta de opção frente a um mercado que se transformava. O italiano Vittorio Calcina, por exemplo, continuou filmando até 1905, e desenvolveu entre 1908 e 1911 um aparelho próprio, o *Cine Parvus*, logo transformado em objeto de frustração. François-Constant Girel, que disputa com Promio a paternidade do primeiro panorama cinematográfico, retornou à farmácia. Já Lavanchy Clarke, que antes de 1896 trabalhava na produção de sabão, eventualmente volta à antiga labuta.¹⁸⁹ O jovem Marius Chapuis, que em 1935 confessaria não ter aproveitado as oportunidades abertas pela experiência como operador¹⁹⁰, tornou-se ebanista.

Devido à falta de registros pessoais ou fontes mais amplas sobre as experiências dos operadores Lumière, apenas uma conclusão pode ser tirada com segurança, pelo menos no que diz respeito à eventual permanência destes homens na nascente indústria cinematográfica: independente de capacidades profissionais, talento estético, instrução prévia, ou outros atributos individuais, como certo sabe-se somente que o caráter *itinerante* da profissão, que os definia, pouco a pouco perdia importância diante da tendência comercial que foi se consolidando a partir de 1897, ou seja, a de salas de projeção permanentes e especializadas – progressivamente substituindo o costume mambembe de ter um operador viajando e exibindo filmes em feiras, clubes, casas de show, igrejas, etc, o que nos anos 1896-1898, auge da exploração executada pela *Société*, era a regra.

Os dois pontos expostos apontam para formas distintas de compreender a importância dos operadores no fôlego inicial dado à cinematografia. De um lado, o ponto de vista da empresa, interessada na seleção, formação e fiscalização de seus empregados – e, em relação a alguns deles, com uma expectativa sobre os resultados fílmicos conquistados. Preocupava aos Lumière o aproveitamento máximo do “momento” do cinematógrafo, com ganhos comerciais relevantes. Simultaneamente, buscavam profissionais capazes de bem representar o nome da

¹⁸⁸ www.victorian-cinema.net/index.htm

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Ele o faz, com bastante arrependimento, em carta a Louis Lumière em dezembro de 1935. Cf. Louis & Auguste Lumière, *Correspondances*, p. 310.

companhia durante as freqüentes exposições em academias internacionais. Resumindo, retorno financeiro e reputação tecnológica.

O próprio operador oferece um outro ponto de vista – seja ele o “hipotético” ou um indivíduo com rosto reconhecível. No primeiro encontra-se um itinerário, no segundo uma experiência. O operador, ao chegar a uma cidade nova, deveria tomar uma série de providências que, recorrentes, formavam um padrão de conduta comercial: autorização na polícia, escolha do local de projeção, negociação com proprietários, disponibilização de corrente elétrica, publicidade, contato com as autoridades, etc. Eis o percurso do “hipotético”. Já com o outro, o com nome e sobrenome, alguns (ou vários) destes requisitos podiam simplesmente não ser preenchidos, provocando situações novas e obrigando-os a inventar soluções que inauguravam, de vez em quando, toda uma nova maneira de fazer as coisas.

Se o percurso do operador-padrão pode inspirar algum romantismo histórico, ou se nele pode se tentar ver desenhado um rito iniciático qualquer, as experiências concretas relatadas por Veyre, Chapuis, Mesguich, Promio, Doublier e outros demonstram uma instabilidade extrema, às vezes de profundo desgaste individual, sem qualquer redenção final digna de conto heróico. Indispensável dizer tudo isso, dado o nível de idealização com o qual se pode pintar as viagens destes homens. O próprio Mesguich, um dos mais importantes operadores Lumière, contribuiu no sentido de mitificar o passado, ainda que de maneira lírica:

*J'ai traversé toutes les mers et, comme le Juif errant, j'ai marché sans trêve sur tous les continents ; mais, alors que ce dernier gardait pour soi, aliment de son rêve intérieur, la vision des spectacles toujours renouvelés que lui dispensait l'univers, mon ambition à moi a été de les enfermer dans ma boîte à images pour que d'autres hommes, mes frères, en ressentent toute la beauté et prennent part à mes émotions.*¹⁹¹

Mas isso ocorre por um motivo especial, além da óbvia disposição do indivíduo para o romancear: a necessidade de impedir que excluíssem os Lumière da história do cinema, que reservassem a eles apenas um ponto apagado na cronologia, ou pior, o status de “pré-história”.

¹⁹¹ “Atravessei todos os mares e, como o Judeu errante, caminhei sem trégua sobre todos os continentes; mas, enquanto este último guardava para si, alimento do seu sonho interior, a visão dos espetáculos sempre renovados que lhe apresentava o universo, minha ambição foi a de guardá-los na minha caixa de imagens para que outros homens, meus irmãos, sintam toda a beleza e participem das minhas emoções.” Mesguich, *op. cit.*, p. XIII.

*À l'occasion des trente ans du cinématographe, une violente polémique se déchaîne contre les inventeurs lyonnais, accusés de s'être approprié l'invention. En réaction, les anciens collaborateurs des Lumière vont faire corps et auront tendance à anticiper les événements pour soutenir les Lyonnais. Et en la matière, Félix Mesghich n'est pas le dernier à modifier les données.*¹⁹²

A defesa dos Lumière sem dúvida foi eficiente, mas ao mesmo tempo provocou um fenômeno periférico, de idealização dos inventores.¹⁹³ A obsessão por garantir a autoria sobre vários “pela primeira vez”, entretanto, tornou frágil a credibilidade sobre o registro de datas. Nesse ponto, inclusive, uma série de fatores dificulta o estabelecimento de cronologias detalhadas, como por exemplo a confusão causada pela alternância entre os calendários gregoriano e juliano sempre que se avançava em direção ao leste da Europa.

A presente unidade tem como objetivo destrinchar a experiência cinematográfica a partir do ponto de vista dos operadores Lumière enviados ao exterior para realizar projeções e captar imagens inéditas. A maior parte das fontes disponíveis a respeito destes homens foi reunida e subdividida em categorias, de maneira a reconstituir um percurso provável – comercialmente instruído, sempre – e comum a quase todos os operadores. A pesquisa, que pretende descrever cada uma das etapas constitutivas da atividade – desde a formação em Lyon até às viagens, da organização de sessões à produção de filmes, do sucesso de público à decadência do sistema –, deve determinar, além disso, em que medida houve ou não uma contribuição relevante, por parte dos operadores Lumière, ao desenvolvimento de uma linguagem cinematográfica incipiente. Finalmente, procura também analisar que concepção de viagem pode ser extraída do conjunto de experiências registradas nas cartas e diários de profissionais como Alexandre Promio, Félix Mesguich, Gabriel Veyre e Marius Chapuis. De certo, mais uma vez, apenas uma coisa: não se tratava de um *Grand Tour*.

¹⁹² “Na ocasião dos trinta anos do cinematógrafo, uma violenta polêmica se desencadeia contra os inventores de Lyon, acusados de terem se apropriado da invenção. Em reação, os antigos colaboradores dos Lumière farão coro e tenderão a antecipar os acontecimentos para apoiar os lionenses. E no quesito, Félix Mesguich não é o último a modificar os dados.” Seguin, *op. cit.*, p.62.

¹⁹³ Vide unidade 2